

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

Nº 6

Dezembro/2005



Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

EDITOR

José Alexandre Felizola Diniz

MAX, Universidade Federal de Sergipe

COMISSÃO EDITORIAL

Albérico Queiroz	UNICAP
Ana Lúcia Nascimento	UFRPe
André Prous	UFMG
Aracy Losano Fontes	UFS
Beatriz Góes Dantas	UFS
Cláudia Alves Oliveira	UFPe
Emílio Fogaça	UCG
Gilson Rodolfo Martins	UFMS
José Alexandre F. Diniz Filho	UFG
José Luiz de Moraes	MAE/USP
Josefa Eliane S. de S. Pinto	UFS
Márcia Angelina Alves	MAE/UDP
Maria Cristina de O. Bruno	MAE/USP
Marisa Coutinho Afonso	MAE/USP
Pedro Augusto Mentz Ribeiro	LEPAN/FURG
Pedro Ignácio Schmitz	IAP/RS
Sheila Mendonça de Souza	FIOCRUZ
Suely Luna	UFRPe
Tania Andrade Lima	M.N/UFRJ

Pede-se permuta
Ou demande l'échange
We ask for exchange
Pede-se canje
Si richiede lo scambo
Mann bitted um austausch

Home Page: www.max.org.br

E-mail: max@ufs.br

A revisão de linguagem, as opiniões e os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade dos respectivos autores.

EDITORIAL

A revista Canindé, graças ao inestimável patrocínio da PETROBRÁS, através da Lei de Incentivo à Cultura, chega ao seu sexto número, a segunda edição referente a 2005 na nova modalidade bianual.

Com este número, atinge-se a publicação de 76 trabalhos, entre artigos e notas, tratando dos mais diferentes temas arqueológicos e contemplando áreas correlatas de outras ciências. Desses trabalhos, 71,1% versaram sobre Arqueologia e, nesse conjunto, 22,2% abordaram temas gerais e análises de sítios específicos, 9,3% trataram de Antropologia Física e Genética, 9,3% discorreram sobre questões relacionadas a cerâmica, 11,1% relacionadas a material lítico, enquanto 11,1% investigaram pontos ligados a ritualidade funerária.

O Museu de Arqueologia de Xingó considera a CANINDÉ o seu primordial veículo de divulgação de produção científica, sobretudo arqueológica, quer oriunda dos pesquisadores do próprio MAX, quer advinda de outros centros de pesquisa. A continuidade dessa publicação reveste-se, portanto, da mais elevada significação para o Museu, que espera poder mantê-la em caráter definitivo graças aos seus patrocinadores.

SUMÁRIO

EDITORIAL 5

ARTIGOS

- OS CAÇADORES DO HOLOCENO INICIAL PODIAM TER
ASSENTAMENTOS ESTÁVEIS? 11
PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ

- PATOLOGÍA ÓSEA EN POBLACIÓN ANTIGUA DEL
OCCIDENTE DE MÉXICO 25
JOSEFINA BAUTISTA MARTÍNEZ
A. F. ALBERTINA ORTEGA PALMA

- DATAÇÃO POR RESSONÂNCIA DO SPIN ELETRÔNICO 47
ANGELA KINOSHITA
OSWALDO BAFFA

- SÍTIO PRADO, ESTADO DE MINAS GERAIS:
CARACTERIZAÇÃO MICROESTRUTURAL E QUÍMICA
DE AMOSTRAS DE CERÂMICA INDÍGENA 67
EVARISTO PEREIRA GOULART; MÁRCIA ANGELINA ALVES
ALEXANDRE ROMILDO ZANDONADI; CASIMIRO SEPÚLVEDA MUNITA
ROSEMEIRE PETRAUSKAS PAIVA

- CONFECÇÃO DE COLEÇÃO OSTEOLÓGICA DE REFERÊNCIA
E SUA APLICAÇÃO EM ANÁLISES DE VESTÍGIOS
FAUNÍSTICOS RESGATADOS NO SÍTIO
ARQUEOLÓGICO MARACAJU-1, MARACAJU, MS 85
MIRIAN LIZA ALVES FORANCELLI PACHECO
ÉVELLYN CHRISTINNE BRUEHMUELLER-RAMOS
GILSON RODOLFO MARTINS

- UMA NOVA ABORDAGEM DA PRÉ-HISTÓRIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: A ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ 115
ADMILSON FREIRE DE CARVALHO

- SÍTIOS DE REPRESENTAÇÃO RUPESTRE DA BAHIA
(1950-1990): LEVANTAMENTO DOS DADOS PRIMÁRIOS
DOS ACERVOS ICONOGRÁFICOS DAS COLEÇÕES
ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA (MAE/UFBA)..... 139
CARLOS COSTA

- CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE POR ATIVAÇÃO COM
NÊUTRONS A ESTUDOS ARQUEOMÉTRICOS:
ESTUDO DE CASO 159
CASIMIRO S. MUNITA

- PATRIMÔNIO CULTURAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.... 183
RHONEDS ALDORA R. PEREZ

NOTAS

- ¿ ES LA CULTURA EL OBJETO DE LA ANTROPOLOGÍA?..... 205
LUIS FELIPE BATE

- INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES 213

- ERRATA..... 215

ARTIGOS

UMA NOVA ABORDAGEM DA PRÉ-HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ*

ADMILSON FREIRE DE CARVALHO**

ABSTRACT

This paper presents the data about research realized with students by public school in Alagoas state, Brazil. It has central objective to comprehend what the students think about the prehistory and how this discipline is explored by teachers.

Palavras Chaves:

Pré-história – Educação – Arqueologia – Xingó.

* Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Programação do Ensino de História. Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde. Orientador Prof. MSc. Pedro Henrique de Barros Falcão.

** Licenciado em História. Técnico do MAX.

INTRODUÇÃO

A História do Homem remonta um passado extremamente longínquo, iniciando no **Paleolítico Inferior** até o aparecimento do *Homo Sapiens Sapiens* (Cf. Leakey 1979; Chavaillon 1981; Mithen 1998). Como destacado por Chavaillon (1981) “(...) *As culturas pelo termo Paleolítico Inferior testemunham os longos desenvolvimentos do pensamento humano, a evolução surpreendente do instrumental, desde as peças apenas esboçadas da Plebble Culture até os instrumentos vaiados e notavelmente elaborados do Acheulense...*” (Chavaillon 1981:63). Deste modo, é milenar esta trajetória que teve início com a migração pela África, berço da humanidade, para se difundir pela Europa, pela Ásia, pelas Américas e mais tardiamente pela Oceania (Leakey 1979).

Um dos enfoques principais que demos a nossa pesquisa, por exemplo, foi a **antiguidade da ocupação do território brasileiro**, que deve ter contado com a presença de várias etnias distintas, com tecnologias, culturas e histórias diversas.

Mesmo embora sejam intensos os debates sobre a data referente ao início da ocupação do Brasil, é fato que o país fora ocupado muito antes de 1500 (chegada do colonizador).

Assim, muitos pesquisadores têm se dedicado a estudar esse tema e, a literatura nacional, sobretudo embasada nas pesquisas realizadas no Nordeste do Brasil sob coordenação da Profa. Dra. Niède Guidon, aponta que provavelmente há mais de 48 mil anos já existiam grupos ocupando o que hoje se conhece como Brasil (Parenti 1996; Valladas 2003).

Estes pesquisadores também já identificaram por meio de escavações sistemáticas, seguidas de exames laboratoriais detalhados sobre a cultura material¹ coletada, uma série de conjuntos de sítios feitos por diferentes grupos culturais. Sabe-se, por exemplo, que, há 10 mil anos, parte do sul do país estava ocupado por caçadores-coletores que utilizavam pontas de flecha, a conhecida Tradição Umbu (Schmitz 1981).

No caso de Xingó (AL-BA-SE), foi realizada uma Pesquisa de Salvamento cujo acervo possui 55 mil peças arqueológicas composto

¹ Essa cultura material está representada principalmente por vasilhames cerâmicos e artefatos líticos (ferramentas de pedras – machados, raspadores, facas, batedores, etc).

por materiais líticos, cerâmicos, blocos de fogueiras, carvões, restos alimentares e adornos, também compõe a coleção mais de 200 esqueletos humanos associados a um rico e sofisticado mobiliário funerário o que denota uma comunidade com um padrão cultural, religioso e social bastante definido e sólido (Cf. Vergne 2004; Vergne & Fagundes 2004; Vergne et alli 1997).

Esse acervo é o resultado de 15 anos de estudo científico realizado pelos pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, que teve o seu ápice na construção, em abril de 2000, do Museu de Arqueologia de Xingó (ligado a Universidade Federal de Sergipe), concebido para expor uma amostra dessa coleção arqueológica (Cf. Vergne 2004).

Enfim, nosso objetivo é **redirecionar uma nova abordagem para o atual nível do conteúdo da Pré-História no Ensino Fundamental**, sobretudo em nossa área de atuação (baixo vale do São Francisco), fornecendo novos subsídios necessários para melhorar a qualidade do conteúdo teórico e prático da disciplina, tópicos respaldados em Pesquisa Arqueológica existente *in loco* nas proximidades da escola.

Esperamos estar trilhando por um caminho certo que permitirá num futuro próximo transmitir aos jovens alunos do Ensino Fundamental um conhecimento equilibrado e questionador sobre a Pré-História Brasileira, tendo como princípio norteador não só resgatar, mas valorizar a cultura indígena nacional. Obviamente, como destacado por Fagundes (2004):

“(...) culturas arqueológicas não são necessariamente equivalentes a grupos étnicos. Para a autora {Hegmon 1998} deve-se ser cauteloso ao utilizar o conceito de etnicidade na pré-história, já que quais são os parâmetros que definem o fator étnico na cultura material?” (Fagundes 2004)

Portanto, estamos conscientes de que os remanescentes arqueológicos resgatados pelas pesquisas em Xingó não correspondem as mesmas etnias indígenas da atualidade ou que façam parte de uma miscigenação que deu origem a cultura brasileira atual. Logo, não há como estabelecermos parâmetros e relações que sejam empiricamente comprovados, entretanto nos esclarece sobre pontos caros à compreensão de conceitos arqueológicos e antropológicos que permitem, mesmo que dedutivamente, indicarmos sobre o modo de vida e cultura dos povos pregressos e sem escrita que ocuparam o solo nacional.

Para os educandos, além disso, o estudo da pré-história auxilia a trabalhar temas tais como as diferenças, demonstrando que cultura é inerente à condição humana e que, portanto, não existe nenhuma superior a outra. Que a tecnologia empregada à satisfação das necessidades (sejam físicas ou culturais), pode ser simples, mas que toda cultura deve ser valorizada e respeitada.

Para compreender estas características nos respaldamos em diversos autores (Leroi-Gouhan 1981; Bahn 1993; Harris 1991; Leakey 1979; Costa 1980; Martin 2000; Prous 1992; Robrahan González 1994, entre outros), a fim de atingir o embasamento ideal para sugerimos uma nova abordagem da Pré-História e começarmos a trilhar pelo campo acadêmico do ensino, buscando corrigir e melhorar este tão esquecido e pouco explorado tema, pois resgatar e divulgar corretamente o *Passado do Homem* é um dever e uma obrigação do profissional da disciplina de História.

Logo, há necessidade latente de corrigir os atuais conteúdos dos livros didáticos adotados em nosso Ensino Fundamental, que dedicam apenas poucas páginas sobre esse tema. Outra solução seria a pública ação de material de apoio (livros paradidáticos, apostilas, vídeos, CD-ROM, etc) que facilitaria muito o trabalho do educador.

Além disso, a própria formação do professor, muitas vezes, é falha quando se trata de pré-história. Sendo assim, deveria ser obrigatório nas Universidades públicas e privadas cadeiras de pré-história e antropologia brasileira, fundamentais para a formação do professor de História, responsável pela transmissão desse conteúdo.

Portanto, é fundamental não nos esquecermos que o Brasil apresenta indícios de ocupação humana de até mesmo superior a 48 mil anos antes do presente; etnograficamente, há centenas de etnias com línguas, histórias, culturas, mitos, que raramente são lembradas em nossos livros didáticos (e nas raras publicações dos chamados paradidáticos), e, quando muito, são citadas como *a nação indígena*, esquecendo a diversidade dessas sociedades, uma verdadeira riqueza nacional.

Assim, acreditamos que valorizando o ensino de pré-história, demonstrando aos alunos essa diversidade e a riqueza do modo de vida e da cultura dos primeiros habitantes do Brasil, teremos cidadãos mais conscientes do valor da cultura nacional.

Esses aspectos, por sua vez, são diferentes de grupos para grupos estabelecendo particularidades próprias que definem tradições, grupos culturais e estilos, que permitem a construção de correntes teóricas,

conduzindo a definição do perfil de cada sociedade segundo a sua preferência cultural/religiosa, dos grupos pré-históricos.

Esclarecemos como é fictícia a História do descobrimento do Brasil pelos portugueses, quando aqui já existiam habitantes a mais de 12 mil anos antes do presente devidamente comprovada pela datação do carvão pela técnica do C^{14} encontrada em fogueiras de vários sítios arqueológicos existentes no norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil. Essa idade no sudeste do Piauí retrocede a 48 mil anos (Valladas et alli 2003). Conhecer a pré-história do Baixo São Francisco e sua antigüidade de 9 mil anos associado a um perfil sócio-cultural cujos alicerces estão fundamentados no aspecto religioso através de quatro macros contextos os cemitérios, os acampamentos, as habitações e a arte rupestre. (Cf. Vergne 2004).

Fatos necessários que possamos reescrever e defender a outra parte da memória do Brasil.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada na construção da monografia que resultou neste artigo, privilegiou todo o levantamento de documentos primários e secundários disponíveis em acervos de bibliotecas quando do levantamento de diários de viajantes, livros a partir do século XIX que tratam de estudos etnográficos sobre o Brasil da época colonial e imperial relatos que devem ser lidos e entendidos com cautela uma vez que relatam o interesse do colonizador.

No contexto arqueológico dirigimos a pesquisa aos museus, fundações e universidades que desenvolveram ou desenvolvem a pesquisa arqueológica e que pudessem fornecer os subsídios necessários para propormos uma nova abordagem da Pré-História no Ensino Fundamental, intentando a conscientização da História anterior a 1500. Pesquisamos obedecendo a procedimentos técnicos - metodológicos aplicados ao tema proposto. Assim, cumprimos as seguintes etapas:

- √ Visitas a escola de Ensino Fundamental da Unidade Escolar de Xingó – UNEX I, com o intuito de estabelecer um perfil entre o aluno e a escola no aspecto físico e humano e seus recursos materiais do referido estabelecimento;
- √ Observamos as aulas ministradas pelo titular da disciplina História, com o intuito de registrar como é ministrado a Pré-História em pleno século XXI se ainda está sendo dado esse conteúdo de

forma superficial e a História do colonizador com grande enfoque;

- √ Para melhor contextualizar essa dúvida aplicamos questionários enfocando o atual nível de conhecimento sobre a Pré-História em classes da 5^o série² cujos resultados serão posteriormente apresentados (Ver anexo 01).
- √ Trabalhamos junto ao corpo docente verificando a maneira de como os conteúdos estão sendo ministrados e quais são os seus anseios de melhoria para este tema específico.

Para o embasamento teórico utilizamos as seguintes categorias:

- √ Leituras bibliográficas sobre a Etnografia nacional, realizada por naturalistas contratados pela administração colonial a fim de estudar o exótico dessa nova terra colonizada.
- √ Levantamentos bibliográficos sobre a Pré-História internacional com o intuito de demonstrar a valorização do contar e ensinar a História deste os primórdios do tempo, ou seja, a Pré-História;
- √ Levantamento dos documentos normativos emitidos pelo Ministério de Educação, que regem o ensino Fundamental no Brasil compostos pela proposta curricular, objetivos de ensino, conteúdo problemático, normas e diretrizes que por muitos anos deixaram prevalecer a História contada pelo colonizador.
- √ Pesquisas em relatório, periódicos e teses oriundos de Pesquisas Arqueológicas realizadas no Brasil com enfoque nacional e regional para realizar os mapas de localização dos sítios arqueológicos identificados nas atuais delimitações territoriais que podem não ser as suas efetivas espacialidade, mas com base nos dados coletados está tornando-se possível reconstituir os seus antigos contextos sociais, políticos, culturais e religiosos, dados que permitem definir as suas antigas Tradições.
- √ Pesquisas em atividades arqueológicas de campo em sítio de terraços classificados como área de acampamento, habitação e habitação com cemitério e sítios de arte rupestre com pinturas e

² A escolha deve-se ao fato de ser a única série do segundo ciclo do Ensino Fundamental onde são ministrados conteúdos de pré-história brasileira.

- gravuras.
- √ Pesquisas em laboratório de Pesquisas Arqueológicas (MAX/ UFS).

RESULTADOS DA PESQUISA APLICADA AOS ALUNOS DA 5º SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Foi perguntado aos educandos se a quantidade de aulas ministradas pelo professor sobre a pré-história foi suficiente para aprender o conteúdo.

A grande maioria considerou que o tempo dedicado pelo professor para discutir a pré-história foi muito pouco para que houvesse realmente uma assimilação da matéria.

Várias causas podem ser indicativas desse problema:

- a) O conteúdo disponível no livro didático extremamente diminuto, o que de certa forma influencia as aulas;
- b) O conteúdo curricular do “plano escolar” deve ser cumprido durante o ano letivo, o que obriga o educador a restringir os conteúdos ministrados,
- c) Falta de material didático que complementaria as aulas: vídeos, revistas, paradidáticos, CD-Roms etc.
- d) A própria formação do professor voltada exclusivamente para a história recente do Brasil, isto é, a partir do contato.

Frequência da leitura do livro didático

Na maioria das vezes, o aluno não utiliza devidamente o livro didático, pois a leitura não é um hábito comum na educação do país. Este está em nascimento, fato que está fortemente refletido na vida escolar.

A própria organização da educação no país e os métodos de avaliação aplicados nas escolas, fazem como que o livro torne-se um “vilão” e a leitura considerada algo chato e desnecessário, justamente por isso, a leitura do livro didático é realizada apenas no dia anterior a realização

Gráfico 01³ – Assimilação do conteúdo

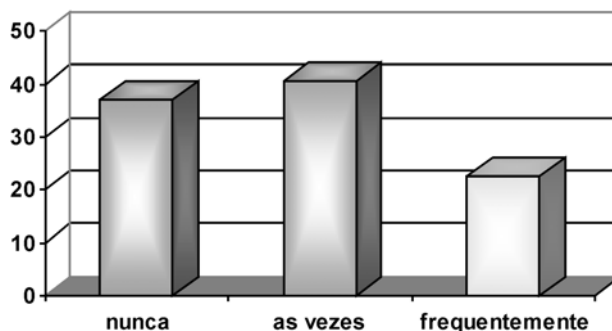


Tabela 01 – Assimilação do conteúdo

Assimilação do conteúdo		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Regular	13	48 %
Bom	08	29.5 %
Ótimo	06	22.5 %

da avaliação escrita da matéria.

Somente por meio de campanhas contínuas é que poderemos estimular a leitura acadêmica e cultural, elementos essenciais para a formação de um povo consciente da sua história e capaz de definir o melhor caminho para o seu futuro.

De certa forma o resultado da pesquisa demonstra que há interesse dos educandos em buscar o conhecimento e a própria compreensão do que seja o fato histórico.

Leitura de textos complementares

A pesquisa demonstrou que o professor não utilizou devidamente os recursos complementares de ensino, todavia esse fato sempre perpassa pela sua falta de informação e condições de acesso ao mundo globaliza-

³ Todos os gráficos e tabelas foram elaborados pelo autor.

do, normalmente fator gerado pela má distribuição de recursos para as escolas para a aquisição de livros e revistas especializadas para compor o acervo escolar, bem como ampliar o conhecimento do professor e do aluno, assunto que necessita ser corrigido o mais breve possível, pois

Gráfico 02 – Leitura do livro didático

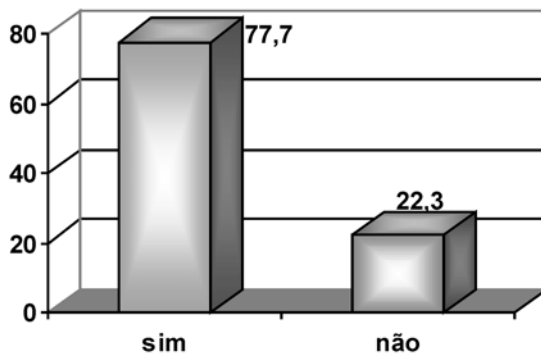


Tabela 02 – Frequência de leitura do livro didático

Frequência da leitura do livro didático		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Nunca	02	7.5 %
As vezes	16	59.5 %
Freqüentemente	09	33 %

não podemos continuar a formar cidadãos com conhecimentos errados e distorcidos.

Dificuldade de assimilação do assunto

Foi questionado aos alunos se eles achavam difícil o assunto sobre pré-história. A grande maioria respondeu que sim (77,70%).

Aprender necessita de ensinamento que deve ser bilateral aluno/professor/aluno, cabe ao mestre transmitir o conteúdo, porém sem nunca deixar de ouvir o educando no intuito de minimizar a distanciamento entre o conhecimento popular do científico, essa conclusão decorre da deficiência das três variáveis anteriores, o que comprova o processo de adaptação pelo qual aluno da 5ª série vem enfrentando decorrente da

Gráfico 03 – Leitura de textos complementares

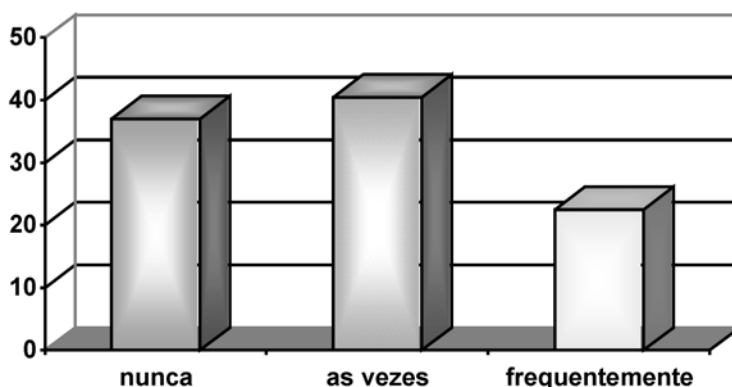


Tabela 03 – Leitura de textos complementares

Leitura de textos complementares		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Nunca	10	37 %
As vezes	11	40.5 %
Frequentemente	06	22.5 %

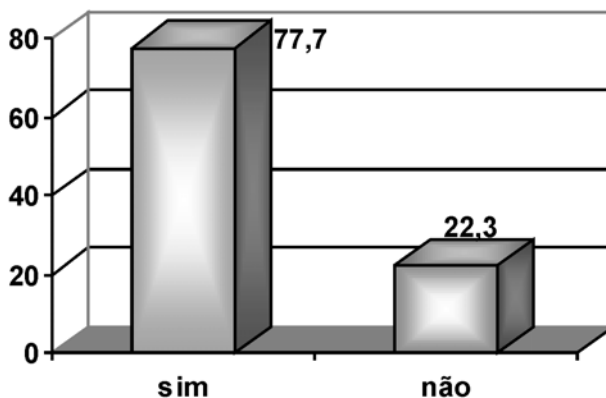
forma com o conhecimento é repassado sem qualquer embasamento sobre o assunto relativo a Pré-história inclusive muitas vezes sem dar a devida importância histórica que o tema merece.

Montagem de mural

Avaliando a utilização da mais simples atividade complementar é possível observar que não existe o hábito de realização da mesma.

Mesmo mediante a todos os problemas causados pelo descaso governamental em relação a educação do país, o educador pode usar de meios alternativos para atingir bons resultados. O mural é uma boa alternativa, pois pode ser inclusive realizado com materiais alternativos.

Logo, a realização de murais é um grande facilitador da aprendizagem, estimulando a busca pelo conhecimento, um meio em que o

Gráfico 04 – Dificuldade de assimilação do assunto**Tabela 04** - Dificuldade de assimilação do assunto

Dificuldade de assimilação do assunto		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Sim	21	77.7 %
Não	6	22.3 %

educador pode garantir que o aluno se interesse pelo assunto, de forma lúdica e eficiente.

No nosso caso de estudo esse tipo de recurso foi muito pouco explorado pelo professor.

Apresentação de vídeo sobre a pré-história

Realizada a pergunta sobre se o professor havia passado algum filme sobre pré-história, novamente o resultado foi negativo. Tal fator pode estar vinculado a estrutura do colégio, que não dispõe de material didático para tal fim; ou mesmo a falta de produção desse tipo de material exclusivo para o Ensino Fundamental.

Os vídeos, devido a qualidade das imagens, sempre são uma excelente ferramenta didática, permitindo que o educador possa efetivamente chamar a atenção da classe, obtendo resultados satisfatórios em relação à assimilação do conteúdo.

Gráfico 05 – Montagem de mural

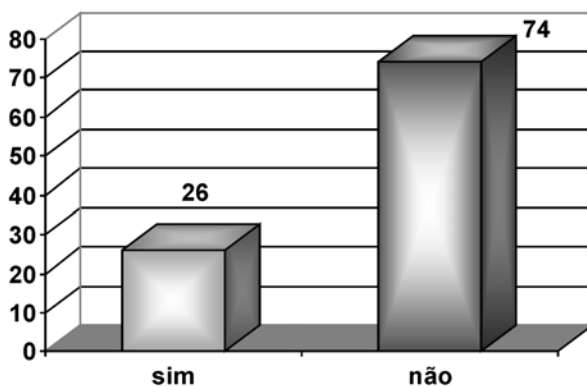


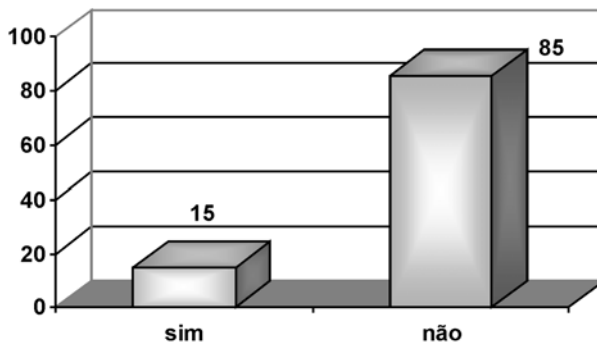
Tabela 05 – Montagem de mural

Montagem de mural		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Sim	07	26 %
Não	20	74 %

Sobre a pré-história brasileira, em específico, há algumas produções, sobretudo da arqueologia do Nordeste, representada por aquelas realizadas pela FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano). Entretanto, não é comum, infelizmente, as escolas públicas ter esse tipo de material em seus acervos, outro ponto que interfere na qualidade de ensino de História preocupado com a valorização da História e Cultura Nacional.

Palestra sobre pré-história

Esse item, por sua vez, recai sobre o professor, infelizmente. A cidade da escola em que foi realizada (Piranhas- AL), o trabalho arqueológico hoje é referencial para pesquisa acadêmica em pré-história em todo território nacional, sobretudo pela importância do sítio chamado de **Justino** (macro necrópole indígena do Nordeste)⁴. Em Piranhas (AL), além disso, próximo ao município, contamos com um dos principais museus arqueológicos do país, o Museu de Arqueologia de Xingó (localizado no município vizinho de Canindé de São Francisco, Sergipe) , reconhecido, inclusive, internacionalmente, pela qualidade de seu acervo e da pesquisa científica desenvolvida pelos arqueólogos e bolsistas de iniciação científica.

Gráfico 06 – Apresentação de vídeo sobre a pré-história**Tabela 06** – Apresentação de vídeo sobre a pré-história

Apresentação de vídeo sobre a pré-história		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Sim	4	15 %
Não	23	85 %

Visita ao Museu de Arqueologia de Xingó - MAX

A grande maioria dos alunos não visitou o Museu de Arqueologia de Xingó. Tal fato, por sua vez, pode ser considerado descaso, já que existem facilitadores para esta visita, tais como: entrada gratuita e transporte cedido pela prefeitura municipal. Neste caso cabe o professor rever a situação e incluir em seu plano de aula a visita a esta e outras instituições existentes em seu município e região.

Visita a sítio arqueológico

Esse item analisado perpassa pela mesma problemática do anterior, já que não houve visita aos sítios arqueológicos da região promovida

4 Inclusive entre 08 e 10 de setembro de 2004 foi realizado no Museu de Arqueologia de Xingó, um Workshop nacional para apresentação e discussão de pesquisas acadêmicas (aberto ao público).

Gráfico 07 – Palestra sobre pré-história

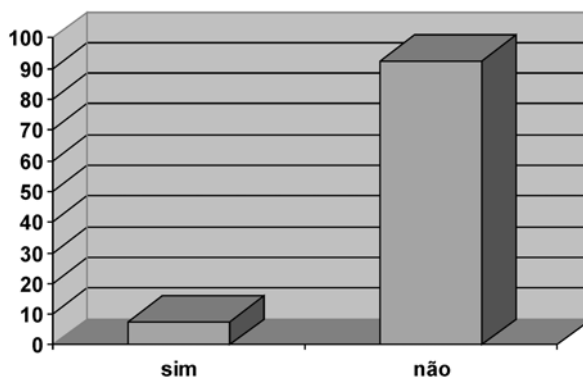


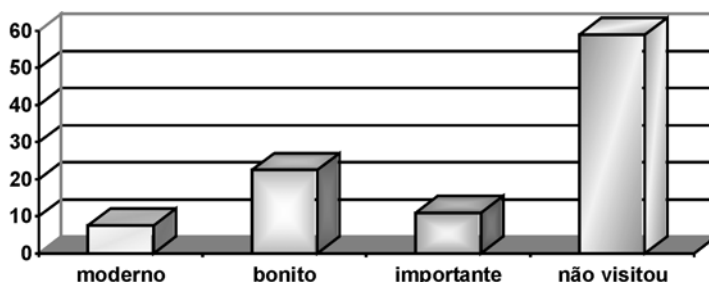
Tabela 07 – Palestra sobre pré-história

Palestra sobre pré-história		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Sim	02	7.5 %
Não	25	92.5 %

pela escola.

O município pesquisado, como aqui destacado, é reconhecido nacionalmente pela comunidade científica como uma das áreas arqueológicas mais importantes do país.

Outrossim, há uma campanha desenvolvida pelo Museu responsável pela pesquisa⁵ de interação da comunidade com os projetos acadêmicos, atendendo principalmente professores da rede pública e particular de ensino e estudantes de graduação das universidades, tanto do estado

Gráfico 08 – Visita ao Museu de Arqueologia de Xingó**Tabela 08** – Visita ao Museu de Arqueologia de Xingó

Visita ao Museu de Arqueologia de Xingó		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Moderno	2	7.5 %
Bonito	6	22.5 %
Importante	3	11 %
Não Visitou	16	59 %

de Sergipe como seus vizinhos. Esse evento é conhecido como *férias arqueológicas*.

Fato a ser destacado que as escolas da região foram comunicadas dessa possibilidade, além de que, segundo comunicação da coordenadora da unidade museológica (Profa. Dra. Cleonice Vergne), os laboratórios de pesquisas estão abertos à comunidade para participarem de estágios tanto em campo, como em laboratório na área de arqueologia (material cerâmico, indústrias líticas, material zooarqueológico e pinturas rupestres).

Além disso, os professores de escolas públicas e particulares podem agendar visitas ao campo, onde os educando tem possibilidade de participarem de perto das escavações, fazerem perguntas e se interarem do trabalho do arqueólogo. Uma experiência única e significativa para a vida escolar dos alunos.

⁵ Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), vinculado a Universidade Federal de Sergipe.

Atualmente o MAX vem escavando o sítio Barracão que fica a menos de 6km da escola, em um local de fácil acesso.

Sendo assim, acreditamos realmente que não houve empenho do professor em buscar novos horizontes para a complementação da aula e enriquecimento do universo cultural de seus alunos.

Avaliação do aluno

O último item diz respeito ao modo que o professor avaliou os alunos em relação à assimilação do conteúdo sobre pré-história. Simplesmente, na maioria dos casos, foi aplicada uma prova com perguntas objetivas, sendo que houvesse a preocupação em incentivar o raciocínio, ao questionamento e as questões de diversidade cultural, da compreensão de como o homem pré-histórico vivia e do modo que nós vivemos, isto, compreendendo a diversidade cultural.

No mundo de hoje, onde preconceitos provindos de desconhecimento (ou seja, da incapacidade de compreender a diversidade) têm gerado conflitos e terrorismo, se faz necessário a compreensão da nossa herança indígena, de entender que a humanidade sempre foi composta de diferentes modos de vida e que não existe ninguém melhor que ninguém, não existe cultura superior, não existe civilização (nos termos imperialista em que é utilizado esse conceito).

Assim, sabendo aplicar o conteúdo de pré-história e, sobretudo, da pré-história indígena brasileira, pode-se trabalhar estes conceitos caros para o estabelecimento de uma sociedade realmente onde existe igualdade, fraternidade e liberdade, como pregado na Revolução Francesa de 1789.

O professor de História deve ser sensível sobre essas questões, já que a História, enquanto disciplina, é capaz de cooperar para o estabelecimento de uma sociedade esclarecida de seus direitos e deveres.

Quando educadores aplicam “provas” e não avaliações, estão usando um artifício pedagógico como meio de repressão e não de esclarecimento.

Para nós, uma avaliação em pré-história, ao invés de questões objetivas e sem sentido (como por exemplo: “O que os homens pré-históricos comem?”), o professor poderia ter visitado o museu e as escavações promovendo:

- a) Discussões em sala-de-aula sobre a utilidade da pesquisa científica;

- b) Realizado um painel onde os alunos poderiam pintar e realizar colagens sobre o que realmente aprenderam, um método, inclusive, que possibilitaria ao educador enxergar claramente o que foi compreendido pelos alunos e o que precisaria ser revisado;
- c) Jogos educativos que levariam nomes instigantes e de maneira lúdica promover o conhecimento do conteúdo;
- d) Realização de leitura de pequenos textos (ou mesmo parágrafos) e discussões sobre a história indígena do Brasil, relacionando, inclusive, que as etnias existentes hoje;
- e) E, finalmente, a aplicação de uma avaliação escrita, porém com questões abertas que permitisse ao aluno expor não apenas o que aprendeu, mas as suas dificuldades.

Ao nosso olhar, um professor atento e responsável é aquele que procura identificar entre os seus alunos as possíveis dificuldades de aprendizagem e paulatinamente buscar caminhos para a solução. As avaliações devem ser verificatórias, esclarecendo tanto o que o aluno aprendeu, como o que ele não aprendeu. Para isso o professor tem obrigação de garantir a liberdade de expressão dos educandos.

O aluno não deve enxergar na prova um modo de castigo, mas um momento em que ele pode expressar suas opiniões sobre o seu modo particular de entender o mundo. O professor deve estar consciente que não existem pessoas menos capacitadas ou mais capacidades, existem diferenças expressas por dificuldades no aprendizado ou de cunho social, cultural e econômico. Todos nossos alunos têm talentos que devem ser descobertos, “provinhas” não cooperam para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber que não há interesse dos alunos em “descobrir” pré-história mundial ou brasileira, mas, sobretudo a nossa pré-história. De uma forma ou de outra, os índios são vistos como “selvagens”, que vivem de modo atrasado e pouco atraente para a “civilização” do século XXI. Esse olhar está atrelado à política do colonizador europeu, que aqui se estabeleceu no século XVI com a única finalidade de explorar recursos (ouro, prata e especiarias).

Pudemos, assim, perceber que há uma resistência vinculada ao discurso do dominador, em assumir que o Brasil já era ocupado muito antes da chegada dos portugueses, e que um modo ou de outro nossa

Gráfico 09 – Avaliação do aluno

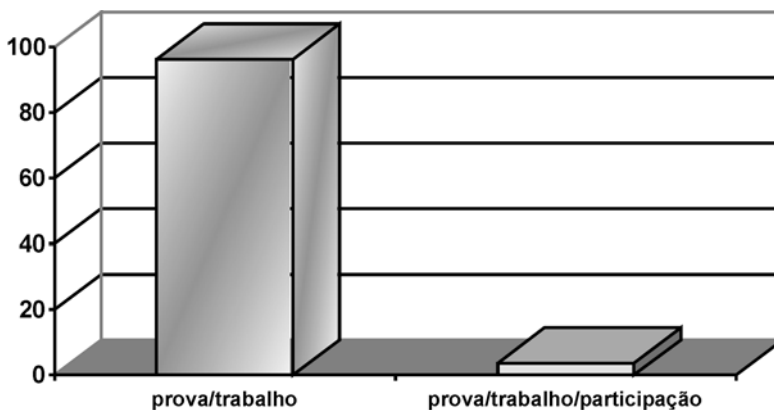


Tabela 09 – Avaliação do aluno

Avaliação do aluno		
Avaliação do aluno	Número de Alunos	Porcentagem
Prova	26	96.3%
Prova / Trabalho / Participação	01	3.7 %

cultura traz traços indígenas, tanto quanto da cultura européia ou das diversas etnias africanas trazidas para cá para efetivação do trabalho escravo.

É dever do profissional de História promover a valorização da cultura indígena, de divulgar nosso patrimônio pré-histórico enquanto um **bem cultural de valor incalculável**, de explicar (como base nos resultados das pesquisas acadêmicas), como era o modo de vida dos “*primeiros brasileiros*” capazes de promover as soluções básicas relacionadas à sobrevivência, conhecimento do ambiente em que viviam, em estabelecer regras e ritos que garantiam e garantem às estruturas sociais (organização social, tecnológica, política e econômica). Ou seja, que eram pessoas como nós mesmos, com as mesmas necessidades, medos e sonhos. Nas palavras de Franz Boas (Apud Fagundes 2004):

“Qualquer pessoa que tenha vivido com tribos primitivas, que tenha compartilhado de suas alegrias e tristezas, as suas privações e abundâncias, que veja nelas não apenas objetos de estudo a serem examinadas, como células a um microscópio, mas seres humanos pensantes e com sentimentos, concordará que não existe uma mente primitiva, um modo de pensar mágico ou pré-lógico, mas que cada indivíduo numa sociedade primitiva é um homem, uma mulher, uma criança da espécie, com o mesmo modo de pensar, sentir e agir, que qualquer homem, mulher ou criança da nossa própria sociedade” (Boas 1996. Apud: Fagundes 2004).

Os problemas por nós detectados que dificultam o aprendizado em pré-história do Brasil estariam, sobretudo vinculados a esse discurso do dominador português de que os índios são atrasados. A máquina repressiva da metrópole foi tão grande que ainda hoje esse discurso é perpetuado, por incrível que pareça.

A esse problema estão vinculados:

- a) Despreparo dos professores que nem mesmo nas universidades/faculdades aprendem sobre a pré-história brasileira, já que não há disciplinas de arqueologia ou antropologia que resolveriam essa questão.
- b) Aos livros didáticos que perpetuam o discurso do dominador, privilegiando exclusivamente a visão do colonizador (e das classes dominantes), sobre a história do Brasil. Como os grupos indígenas fazem parte dos excluídos, não há necessidade de falar sobre eles e, quando muito, são compreendidos e vistos como os exóticos que andam nus, caçam e pescam para comer e têm na natureza os seus deuses. Visão reducionista e preconceituosa.

Sendo assim, devemos urgentemente promover uma revisão dos conteúdos didáticos, não só no ensino fundamental, como também nas universidades brasileiras. Buscar subsídios para contarmos nossa história e não a história dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 6^a ed. Editora Europa América - Portugal, 1967.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. 2ª ed. Ed. Brasiliense - São Paulo, 1993.

CHAVAILLON, J. *O Paleolítico inferior*. IN: **Leroi-Gourhan, A.** Pré-História. São Paulo, Edusp, pp.63-82, 1981.

COSTA, Angyone. *Introdução à Arqueologia Brasileira*. 4ª ed. Ed. Nacional, São Paulo, 1980.

ETCHEVARNE, Carlos. *A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa*. Revista USP, São Paulo, 1994.

FAGUNDES, M. *Sítio Rezende: das cadeias operatórias ao estilo tecno-*

lógico – um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais. São Paulo, MAE/USP, dissertação de mestrado, 2004a, 544p.

GUIDON, Niéde & VERGNE, Cleonice & VIDAL, Irma Asón. *Sítio Toca da Baixa dos Caboclos: Um Abrigo Funerário do Enclave Arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara.* V.1, n° 13. Clio – Série Arqueológica/UFPE, Recife, 1998.

HARRIS, Adward C. *Princípios de Estratigrafia Arqueológica.* Editorial Crítica, Barcelona, 1991.

LEAKEY & Lewin, RICHARD E. & Roger. *Les origines de l'homme.* Librairie Arthaud, Paris, 1979.

LEROI-GOURHAN, André. *Pré-História.* Pioneira Editora, São Paulo, 1981.

MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil.* 3ª ed., São Paulo, 2000.

MARTIN, Gabriela. & ASÓN Irmã. *Manifestações religiosas na pré-história do Brasil.* Brasil 500 anos: reflexões/Sylvana Brandão, Editora Universitária da UFPE – Recife, 2000.

MITHEN, S. *A pré-história da mente – uma busca das origens da arte, da religião e da ciência.* São Paulo, Editora da Unesp, 1998.

PARENTI, F. *Problemática do pleistoceno superior no Nordeste do Brasil: o abrigo da Pedra Furada em seu contexto regional.* **FUMDHAMENTOS, Revista da Fundação Museu do Homem Americano.** V.01, n.01, pp.15-54, 1996.

PINSK, Jaime, *O ensino de História e a criação do fato.* 8ª ed., São Paulo, 2000

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira.* Editora Universidade de Brasília. Brasília, 1992.

RAMOS, Ana Catarina P.Torres. *Brasil 500 anos: Reflexões,* Brasil 500 anos: reflexões/Sylvana Brandão, Editora Universitária da UFPE, Recife, 2000.

RENFREW & BAHN, Colin & Paul. *Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica.* Akal Ediciones – Madrid, 1993.

ROBRAN-GONZÁLEZ, Erika Marion. *Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado.* Revista USP, São Paulo, 1994.

SCHIMITZ, P. I. *Contribuciones a la prehistoria de Brasil.* São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, Antropologia, n.32, 1981.

VALLADAS. H. et alli. *Datações por termoluminescência de seixos de quartzo queimados da Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Piauí, Nor-*

deste do Brasil. FUMDHAMENTOS, Revista da Fundação Museu do Homem Americano. V.03, pp.35-56, 2003.

VERGNE, C. & FAGUNDES, M. *Atributos tecnológicos da indústria lítica do sítio Barragem (decapagens 01 a 06), Xingó – Alagoas. Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, UFS/MAX, v.04, pp. 09-54, 2004.*

VERGNE, M. C. S. *Arqueologia do Baixo São Francisco estruturas funerárias do sítio Justino, região de Xingó, Canindé de São Francisco – Sergipe. São Paulo, MAE/USP, 2004 (Tese de Doutorado).*

VERGNE, C., NASCIMENTO, A.C., MARTINS, A.F. *O salvamento arqueológico de Xingó. Documento 01, UFS/PAX/PETROBRAS/CHESF, 1997.*

ANEXO

Questionário de avaliação do conhecimento da pré-história

Nome do Aluno -

Escola -

Série - Turno -.....

..

1. A quantidade de aulas dadas pelo seu professor foram suficientes para você aprender bastante sobre a Pré-História? Nos conte o que mais lhe chamou a atenção.
2. Você ler muito o seu livro de História? Quantas vezes utiliza-o no

bimestre ou apenas o utiliza perto das provas?

3. Seu professor costuma fazer leituras sobre o assunto que está sendo dado usando textos complementares que não estão no seu livro de História. Você aprende mais através da leitura destes textos ou as realizadas no seu livro?
4. Seu professor já realizou em sua sala a montagem de um Mural ou de um Jornal de História? Como você participou da montagem?
5. Sua turma já assistiu algum vídeo sobre a Pré-História? Qual foi? O que foi que você gostou e aprendeu?
6. Como o seu professor realizou a avaliação sobre o assunto Pré-História? Você gosta dessa forma de ser avaliado?
7. Você acha difícil o assunto Pré-História? Porquê?
8. Você já visitou o Museu de Arqueologia? Qual a sua opinião sobre ele?
9. Você gostaria de visitar um sítio arqueológico, ir ao campo? Porquê?
10. Você acharia interessante que um arqueólogo desse uma palestra sobre Pré-História? Quais seriam as suas perguntas a ele?

